



OS ATELIÊS-LABORATÓRIOS PARA COMUNIDADES: UMA ABORDAGEM TRANSDISCIPLINAR

WORKSHOPS-LABORATORIES FOR COMMUNITIES: A TRANSDISCIPLINARY APPROACH

Dália Rosenthal¹

Universidade de São Paulo

Resumo:

O presente artigo visa apresentar experiências de criação nos Laboratórios Didático-Pedagógicos para Ensino e Aprendizagem das Artes Visuais aqui denominados pela abreviação “Ateliês-Laboratórios”, a partir de uma abordagem transdisciplinar, por um diálogo com pensadores como Edgar Morin (1921-), Basarab Nicolescu (1942-), Paulo Freire (1921-1997) e Nise da Silveira (1905-1999). Trata-se de um estudo de caso de duas experiências distintas no tempo e no espaço, mas que trazem como princípio comum a práxis da transdisciplinaridade como caminho metodológico para a formação de professores de arte por meio do exercício docente de estudantes do curso de Licenciatura em Artes Visuais em cursos livres oferecidos para a comunidade como extensão universitária no contexto curricular do curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Palavras-chave: Artistas educadores; Transdisciplinaridade; Artes Visuais.

Abstract:

This article aims to present creative experiences in the Didactic-Pedagogical Laboratories for Teaching and Learning of Visual Arts, here abbreviated as "Laboratories-Studios," from a transdisciplinary approach, through a dialogue with thinkers such as Edgar Morin (1921-), Basarab Nicolescu (1942-), Paulo Freire (1921-1997), and Nise da Silveira (1905-1999). This is a case study of two experiences, distinct in time and space, but which share as a common principle the praxis of transdisciplinarity as a methodological path for the training of art teachers through the teaching practice of students of the Bachelor's Degree in Visual Arts in open courses offered to the community as university extension programs within the curricular context of the Bachelor's Degree in Visual Arts.

Keywords: Teaching artists. Transdisciplinarity. Visual Arts.

¹Pesquisadora, arte educadora, artista visual e docente do Departamento de Artes Visuais (CAP) da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). Como pesquisadora e professora, desenvolve estudos sobre transdisciplinaridade, com ênfase nas relações entre arte, educação e práxis colaborativa para formação e criação artística.

<https://lattes.cnpq.br/6985001145182211/> Orcid: 0000-0003-4738-7364.



1 OS ATELIÊS-LABORATÓRIOS PARA O ENSINO E A APRENDIZAGEM DAS ARTES VISUAIS PARA A COMUNIDADE

O presente texto apresenta duas experiências de ensino e aprendizagem das Artes Visuais integradas a projetos de Ateliês-Laboratórios² para a formação de artistas educadores.

Os Ateliês-Laboratórios aqui expostos emergiram de perguntas impulsionadoras sobre como seria possível criar espaços de formação que atravessassem a aprendizagem dos estudantes em artes visuais nos diferentes ateliês destinados às diferentes linguagens presentes nos cursos formação em Artes Visuais - tais como pintura, escultura, gravura, cerâmica, fotografia, dentre outros meios - e atuassem como um ateliê laboratório pra formação desses futuros professores de arte, tendo as poéticas individuais como fomento para as suas ações pedagógicas. Era preciso, nesse sentido, um lugar que, simultaneamente, atuasse como um território potencializador para a transposição vivenciada em cada estudante entre o aprender e o ensinar artes visuais, mas também operasse como um serviço de extensão público e gratuito para diferentes comunidades, contribuindo, assim, para uma democratização cada vez maior do acesso a cultura e as artes.

Tais questionamentos se alinharam com os princípios da universidade em promover projetos que estimulem o aprofundamento na integração entre ensino, pesquisa e extensão nas licenciaturas, de forma a inserir os licenciandos em processos investigativos vinculados às áreas específicas e que se desenvolvem no exercício da prática docente.

Foi seguindo esses princípios norteadores integrados às perguntas iniciais que o primeiro Ateliê-Laboratório foi originado em 2008 por meio do projeto “Ateliê de Artes para Crianças”, que se baseava na criação de um curso de extensão departamental vinculado às disciplinas voltadas para as metodologias do ensino das artes visuais e que possibilitaria a implementação do território no qual a práxis pedagógica aconteceria. Nos ateliês, os alunos dos cursos de extensão seriam os alunos dos

² Laboratórios Didático-Pedagógicos para Ensino e Aprendizagem das Artes Visuais.



graduandos sob a supervisão docente, configurando-se, dessa forma, como ateliê-escolas, tanto para os futuros professores de arte, como para os participantes inscritos pertencentes às comunidades extramuros.

A cada semestre são planejadas, conjuntamente, novas propostas artístico-pedagógicas, que serão vivenciadas pelos grupos praticantes, com o intento de instigar a pesquisa em artes visuais, promover a reflexão coletiva sobre arte e cultura e, sobretudo, permitir que cada participante desenvolva seu próprio processo criativo, pelo exercício poético visual.

O trabalho de formação de professores de Artes Visuais nele realizado tem fundamentos e princípios que permanecem desde o seu início e singularidades, que se transformam de turma a turma de acordo com as crianças matriculadas, com os alunos de graduação participantes como regentes das aulas, com as exposições em cartaz na cidade de São Paulo e, as linguagens, as técnicas, os temas e interesse trazidos tanto pelos alunos da graduação, quanto pelas crianças. Contempla-se tanto as linguagens tradicionais das Artes como as mais contemporâneas incluindo as tecnologias atuais (Rizzi, 2017, p. 869).

Desde 2008, todos os Ateliês-Laboratórios que se seguiram, basearam-se nos mesmos princípios metodológicos iniciais mas sempre adequando-se aos novos desafios contextuais vivenciados. Apresentaremos, a seguir, duas experiências desenvolvidas no âmbito dos Ateliês-Laboratórios para o ensino e a aprendizagem das artes visuais, que em comum, trazem o objetivo de agirem como propositoras do exercício de uma práxis transdisciplinar, dialógica e inclusiva, a partir de referências como Edgar Morin (1921 -), Basarab Nicolescu (1942 -), Paulo Freire (1921 - 1997) e Nise da Silveira (1905 - 1999).

1 ATELIÊ NOSSA CASA

O projeto Nossa Casa nasceu em 2011 e traz no título, o desejo de criação de um espaço coletivo no qual possamos pensar por meio das Artes as dimensões simbólicas de nossas moradas: o corpo, a escola, a família, a cidade, o país, o planeta, o universo e muitos outros espaços nos quais podemos habitar e vivenciar como lugar do Lar³ (Ateliê Nossa Casa, 2011).

³ BLOG Ateliê Nossa Casa. Disponível em: <http://atelenossacasa.blogspot.com/p/o-projeto-nossa-casa.html>. Acesso em: 07 mar. 2025.



O Ateliê Nossa Casa é aberto para a comunidade de crianças entre 7 e 12 anos e foca na práxis transdisciplinar, pela integração entre a tríade: Ensino das Artes Visuais, Natureza/Território e Transculturalidade. Como Ensino das Artes, entendemos a prática da reflexão crítica e a criação artística a partir da exploração do sensível nos arte educadores e crianças durante o exercício do conhecer e fazer artístico. No binômio Natureza/Território, buscamos trabalhar a consciência para a importância do território de aprendizagem no qual o grupo está inserido e quais as potencialidades de natureza que ele oferece desde a plasticidade dos materiais, passando pela observação das paisagens e a memória dos espaços no entendimento do estar e do pertencer a um contexto de vida integrado no qual nos inserimos e agimos criativamente. Como Transculturalidade, dialogamos com os princípios universais presentes na Carta da Transdisciplinaridade (1994), que se refletem na busca pelo diálogo com as diferenças que se expressam na cultura de cada povo, família e indivíduo, em uma troca contínua de saberes e viveres que nos lançam para uma dimensão decolonial e cooperativa.

Essa percepção do que atravessa e transcende as culturas é, em primeiro lugar, uma experiência que não pode ser reduzida à teoria, contudo, ela é rica como ensinamento para nossas vidas e para nossas ações no mundo. Ela indica que nenhuma cultura se constitui em um lugar privilegiado a partir do qual podemos julgar as outras culturas. [...] Diferentes lugares da terra e diferentes momentos da história atualizaram diferentes potencialidades do ser humano [...](Nicolesco *et al.*, 2000, p. 135).

O nome deste Ateliê-Laboratório foi dado no seu primeiro semestre de atividade pelas próprias crianças e grupo de graduandos a partir de uma das atividades realizadas. Posteriormente, ainda em diálogo com a Carta da Transdisciplinaridade (1994), foram incluídos outros simbolismos a este título.

[...] O reconhecimento da Terra como pátria é um dos imperativos da transdisciplinaridade. Todo ser humano tem direito a uma nacionalidade, mas, a título de habitante da Terra, é ao mesmo tempo um ser transnacional. O reconhecimento pelo direito internacional de um pertencer duplo - a uma nação e à Terra - constitui uma das metas da pesquisa transdisciplinar (Freitas; Morin; Nicolescu, 1994, p. 2).



Assim, recorrendo a uma abordagem transdisciplinar, admitimos no título Nossa Casa, um espaço figurado do Lar como lugar imaginado e no qual a casa seria o território poético da aprendizagem para formação do grupo, integrando vínculos de identidade, afetividade e culturas. Nesse sentido simbólico, admitimos outras esferas de convívio, ampliando a acepção de lar para outros territórios vivenciados, percebendo-nos, percebendo ao outro e ao todo como pertencentes a uma atmosfera de vida comum.

A Carta da Transdisciplinaridade foi adotada pelos participantes do Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade realizado no Convento de Arrábida, Portugal, de 2 a 6 de novembro de 1994. É certo que o documento foi criado em um contexto histórico de oposição a um pensamento e *modos operandi* neoliberal que avançava rapidamente por todo o globo na década de 1990, atendendo a uma ideologia política voltada, sobretudo, à expansão econômica. Entretanto, 30 anos depois, podemos questionar o quanto avançamos nos artigos propostos pela carta e que podem nos parecer tão distantes da realidade política, econômica e social que encontramos no mundo no presente. Nesse cenário, acreditamos que reforçar estes valores universais de igualdade, cooperação, respeito e dignidade, em contraponto com as políticas de segregação territoriais cada vez mais presentes e excludentes, faz-se, a nosso ver, extremamente necessárias na educação de crianças e jovens.

A transdisciplinaridade assume a complexidade, a relatividade e a multidimensionalidade das relações que se expressam ainda de formas distintas em cada contexto sobre o qual nos inserimos. Desta forma atua-se transdisciplinarmente quando percebe-se cada objeto de estudo como uma imagem formada de inúmeras camadas que se inter-relacionam e trans-relacionam [...] (Rosenthal, 2012).

O desafio da proposta de ateliê para o “Nossa Casa” é baseada, sobretudo, no exercício vivencial da transdisciplinaridade, por uma metodologia dialógica e participativa para a gestação dos percursos didáticos a serem percorridos pelo grupo e nos quais todos os processos são criados, de forma a alternar e acolher a pluralidade de percepções individuais e coletivas do fazer e aprender, seja pelos alunos da graduação ou pelas crianças envolvidas. Dessa forma, como resultado de uma investigação coletiva inicial pelo grupo de graduandos, arquitetamos a estrutura do



planejamento do semestre que segue um tema central transversal escolhido pelo grupo a partir das reflexões de percurso. Após este momento inicial de preparação e com a entrada das crianças no processo, o percurso se transforma de acordo com os novos saberes e desejos compartilhados e cada encontro, nesse sentido, é gestacional para o seguinte.

Para o desenvolvimento da abordagem dialógica, tomamos como referência Paulo Freire (1921-1997). Para Freire, a educação é uma condição de construção do conhecimento que se faz pela comunicação, sendo o exercício do diálogo o centro de um processo educacional. Nas Artes Visuais, o diálogo, entretanto, não se dá apenas na palavra oral/escrita ou na objetividade. As poéticas visuais compreendem a construção dialógica igualmente na experiência com as plasticidades, subjetividades, materialidades e uma infinidade de outros elementos que fazem parte de cada relação estabelecida entre o sujeito criador e o mundo material e imaterial que desencadeia uma produção artística.

A educação é uma situação de conhecimento e de comunicação, por isso, o diálogo é fundamental no processo educacional. Ele faz parte da comunicação entre os sujeitos que conhecem mediatizados pelo mundo. 'A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados' (Freire, 1980 *apud*, Oliveira, 2017. p. 231).

A experiência do Ateliê Nossa Casa e as abordagens metodológicas construídas ao longo dos anos nos levou a um novo projeto de Ateliê-Laboratório desenvolvido na interface entre Arte, Educação e Saúde, o ateliê "Circulando com as Artes", em parceria com o Centro de Convivência e Cooperativa (CECCO)⁴.

2.1 O ATELIÊ-LABORATÓRIO DO CECCO: CIRCULANDO PELAS ARTES

Os Centros de Convivência e Cooperativa, conhecidos como CECCOs, nasceram em 1989 criados pela Secretaria Municipal de Saúde para integrar saúde e inclusão. OS CECCOs vieram em substituição aos hospitais psiquiátricos onde eram

⁴ Para a proteção e a privacidade dos envolvidos, não incluiremos aqui os nomes dos participantes, bem como a unidade do CECCO, na qual o projeto é desenvolvido.



colocadas os seres humanos em sofrimento psíquico, com deficiências ou, ainda, por serem considerados inadequados socialmente. Com o horizonte de transformar esse paradigma e finalização dos antigos manicômios, nasceram os CECCOs, uma rede de cuidado, na qual a convivência e criação artística poderiam ser observadas como potentes vias para a expressão de subjetividades e assim, de organização psíquica, dando forma aos universos interiores, comunicando sentidos e oferecendo espaços para que imaginários se encontrem e se reconheçam no grupo. É nesse contexto que os CECCOs surgem na articulação intersetorial entre profissionais de saúde da Secretaria Municipal de Saúde (SMS) e profissionais da arte com a Secretaria Municipal de Cultura (SMC).

[...] A assistência psiquiátrica brasileira surgiu da função saneadora dos primeiros hospícios, assumindo papel excludente. No século XIX, teve início o processo de urbanização das cidades, sobretudo a do Rio de Janeiro. As epidemias da época atrapalhavam os interesses políticos e econômicos dos latifundiários do café e do comércio exportador. Desta forma, configurava-se a determinação social para o saneamento que interditava o livre trânsito dos doentes, mendigos, vadios e loucos. Essa indicação social motivou o surgimento da primeira instituição psiquiátrica no Brasil, em 1852, o Hospital Pedro II, na Praia Vermelha, Rio de Janeiro. Nesta época, a psiquiatria do século XIX cabia recolher e excluir (Machado, 1978, *apud* Avena. 2009, p. 24).

Norteados pelos princípios originários dos CECCOs, nasceu o projeto para o Ateliê-Laboratório Circulando pelas Artes, fruto do anseio comum de viabilização de um território de ensino e de aprendizagem das artes visuais a partir de um olhar transdisciplinar para a interface entre Arte, Educação e Saúde durante a formação de artistas educadores. No Centro de Convivência e Cooperativa no qual o projeto foi desenvolvido, a arte educação já era observada como um importante instrumento de integração e ação comunitária e eram oferecidas diversas atividades artísticas para os frequentadores da unidade. Entretanto, havia o desejo para implementação de um ateliê permanente dedicado, prioritariamente, às artes visuais, permitindo, assim, o aprofundamento criativo pela investigação poética.

Já no cenário de formação em artes visuais, a concepção de um Ateliê-Laboratório no CECCO, se apresentava como uma necessidade para a criação de novos territórios de ensino e aprendizagem das artes visuais, que pudessem atuar



diretamente na interface entre arte, educação e saúde, favorecendo a práxis pedagógica e a formação de artistas educadores.

Por meio desse encontro institucional, em 2023, foi criado o ateliê “Circulando pelas Artes” para os frequentadores do CECCO com periodicidade semanal. Aqui, o ensino e aprendizagem das artes visuais agrega um fator de destaque para o convívio e o cuidado em distintos contextos inclusivos. Para o desenvolvimento das atividades, os estudantes de artes visuais, acompanhados por profissionais do CECCO de diferentes áreas como Terapia Ocupacional, Fonoaudiologia, Psicologia além de outros estagiários de cursos voltados à saúde e um bolsista do CIEE, encontram-se para desenvolverem juntos as oficinas artísticas.

No ateliê “Circulando pelas Artes”, a premissa de integração entre arte, educação e saúde se inspiram nas pesquisas desenvolvidas pela psiquiatra Dra. Nise da Silveira (1905-1999), com a implementação do setor de Terapia Ocupacional no Centro Psiquiátrico Nacional, no Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro.

Diante da superlotação de mulheres no Hospício Nacional, foi criada pelo Decreto de 11 de julho de 1911 a Colônia de Alienadas do Engenho de Dentro (atual IMNS), em terreno cedido pela Marinha, onde existiam pavilhões para tratamento de beribéricos. Em troca, foi cedido um terreno no Andaraí, onde atualmente encontramos o Hospital do Andaraí. Seu primeiro diretor foi o alienista Simplício de Lemos Braule Pinto. A Colônia tinha como objetivo inicial receber exclusivamente pacientes indigentes do sexo feminino transferidas do Hospício Nacional de Alienados. Posteriormente, no ano de 1932, passou a chamar-se Colônia de Psicopatas-Mulheres do Engenho de Dentro. Neste primeiro momento, o Engenho de Dentro assumiu papel assistencial complementar ao Hospício Nacional (Cardoso, 1929; Jorge, 1997; Oliveira, 2007; Mendes, 2007 *apud* Avena, 2009, p. 25).

Em 1944, Nise da Silveira inicia as suas atividades como psiquiatra no Centro Psiquiátrico Nacional (CPN), em Engenho de Dentro. As violências submetidas aos pacientes como eletrochoque, lobotomia ou o coma insulínico afetou profundamente a Dra. Nise, que decidiu seguir por outra via de tratamento, sem violência física ou psíquica, pela terapia ocupacional como abordagem terapêutica.

Efetivamente, a pintura espontânea é não só meio utilíssimo para investigações no domínio da psicologia profunda, mas também se revela, ao mesmo tempo, verdadeiro meio terapêutico, do qual o doente se serve de modo instintivo como de um instrumento para reconstruir o seu mundo interno e reintegrar o mundo externo (Silveira, 1966, p. 41, *apud* Dias, 2003, p. 56).



Seguindo os passos da Dra. Nise, acreditamos, com esse projeto, que a criação pela pintura e pelas demais linguagens artísticas, também pode ser compreendida como cuidado. Esses são saberes compartilhados entre todos e para todos, independente de qualquer experiência ou iniciação anterior às linguagens artísticas em uma práxis de ensino e aprendizagem democrática e dialógica. É nessa perspectiva que o ateliê “Circulando pelas Artes” promove o fazer criativo ancorado no convívio com a diversidade, em uma perspectiva da inclusão, que manifesta o direito irrestrito de acesso à arte e a cultura.

Para os artistas educadores em formação, estar no CECCO se configura como uma experiência fundamental não apenas pela práxis em si, mas por tudo que envolve habitar um território de aprendizagem no âmbito dos CECCOs, fomentando o debate crítico e reflexivo sobre políticas públicas, nas quais a pauta da interface entre arte, educação e saúde possam estar contempladas, sendo esse um importante campo de atuação para às artes visuais. Os estudantes também colaboram trazendo outras perspectivas que beneficiam a ampliação da produção acadêmica para o campo das práticas públicas em saúde, enriquecendo, assim, todo conjunto de saberes em cena. Por fim e mais importante, para os frequentadores do ateliê, essas atividades têm se mostrado extremamente significativas, sendo visível que a pluralidade de áreas entre agentes educadores pode favorecer a profundidade dos trabalhos pedagógicos e terapêuticos vivenciados.

Como abordagem para a práxis transdisciplinar, a experiência do Ateliê Nossa Casa ofereceu uma base de sustentação metodológica: os saberes e poéticas de cada participante são as fontes fundamentais para a criação pedagógica individual e coletiva. Concebida em etapas, os estudantes iniciam neste espaço como observadores ativos colaborando com as atividades propostas pelos estudantes mais antigos e equipe CECCO, participando de reuniões de preparação e organização do território artístico/terapêutico e se inserindo na cotidianidade da instituição. Esse é, também, um momento importante para a criação de vínculos e afetividades fundamentais para todo o trabalho. Após esta etapa inicial, os novos estudantes passam a integrar mais diretamente os processos de planejamentos, trazendo as suas



poéticas entrelaçadas com as poéticas produzidas pelos estudantes mais antigos e grupo de frequentadores. Dessa tessitura vivencial nascem as atividades e experiências, pelos planejamentos compartilhados entre os grupos a cada semestre.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ambos os projetos aqui apresentados objetivam manifestar possibilidades de experiências para formação de professores de arte no âmbito dos Ateliês-Laboratórios, tendo a transdisciplinaridade como foco para a criação de abordagens metodológicas pautadas nas poéticas visuais dos estudantes como facilitadoras para o desenvolvimento dos trabalhos em diferentes em grupos.

[...] a pesquisa transdisciplinar que se direciona para formação do professor de arte aponta para uma necessidade de pensar em abordagens metodológicas e artísticas que investiguem o não-objeto transdisciplinar, ou seja, observar a transdisciplinaridade em sua natureza de fluxo, enfatizando não o que será produzido, mas sim, como será produzido (Rosenthal, 2012, p. 515).

Podemos observar que um processo de criação já configura em si como uma experiência transdisciplinar em fluxo. Quando nasce uma obra, é difícil refazer o percurso percorrido por um processo na sua natureza, pois evoca uma infinidade de coletas memoriais e experienciais que não estavam ordenadas ou unidas à princípio; tampouco há cronologia. Podemos resgatar uma vivência da infância e a relacionarmos com um texto que estudamos no dia anterior e ainda agregar materialidades, cores ou linguagens distintas; de forma consciente ou não. Dessa mistura misteriosa é que emergem as poéticas de cada criador.

A práxis transdisciplinar para formação de professores de arte se propõe a revisitar estes percursos para potencializar – por essa observação de si - novos territórios de ensino e de aprendizagem a serem compartilhados com o outro, sempre observando as especificidades de cada contexto pedagógico com cuidado e delicadeza, respeitando os diferentes processos e tempos.

O fortalecimento das redes entre todos(as) os(as) colaboradores(as) para promoção da inclusão e da diversidade se apresenta nessas experiências como



fundamental para o desenvolvimento de uma práxis transdisciplinar. Sem a rede, não há tessitura e sem a tessitura, não se forma uma rede. Assim, exercitar este tecer coletivo pela colaboração e cooperação, desempenha um papel basilar para os Ateliê-Laboratórios aqui expostos. Quando o trabalho colaborativo e cooperativo se torna cotidiano, o ambiente de aprendizagem se volve naturalmente inclusivo e o sentido de pertencer facilita o trânsito entre o aprender e o fazer.

[...] todo conhecimento transdisciplinar pressupõe um processo sempre aberto, vai além do horizonte conhecido, implicando criação permanente, aceitação do diferente e renovação das formas aparentemente acabadas do conhecimento. Pela transdisciplinaridade, transcendemos, criamos algo novo e diferente do conhecimento original, algo que pode surgir a partir de um insight, de um instante de luz na consciência, de um processo sinérgico qualquer envolvendo as diferentes dimensões humanas. Portanto, é a subjetividade objetiva do sujeito aprendente que expressa o conhecimento de uma nova maneira, demonstrando que o conhecer envolve todas essas dimensões humanas, dimensões estas não hierarquizadas e nem dicotomizadas, mas articuladas, funcionalmente complementares em sua dinâmica operacional e que atuam a partir de uma cooperação global que acontece em todo o organismo (Moraes, 2010).

REFERÊNCIAS

AVENA, Djynnana de Azevedo. O engenho por dentro: cartografia das práticas cotidianas de cuidado em saúde mental dos auxiliares e técnicos de enfermagem na perspectiva da integralidade. Orientador: Pinheiro, Roseni. 2009. 146 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: http://www.bdtu.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3643. Acesso em 05 mar. 2025.

DIAS, Paula Barros. Arte, loucura e ciência no Brasil: as origens do Museu de Imagens do Inconsciente. Orientador: Lima, Nisia Trindade. 2003. 170 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências) - Casa de Oswaldo Cruz. Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/6086>. Acesso em: 03 mar. 2025.

FREITAS, Lima; MORIN, Edgar; NICOLESCU, Basarab. Carta da Transdisciplinaridade. In: Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, 1., 1994, Portugal. **Anais...** Portugal: Convento de Arrábida, 1994.

MORAES, Maria, Transdisciplinaridade e educação. **Rizoma Freiriano**, 2010. Disponível em: <https://www.rizoma-freireano.org/articles-0606/transdisciplinaridade-e-educacao-maria-candida-moraes>. Acesso em: 04 mar. 2025



NICOLESCU, Basarab *et al.* **Educação e transdisciplinaridade**. Brasília: UNESCO, 2000. p. 135. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000127511>. Acesso em: 06 mar. 2025.

OLIVEIRA, Ivanilde. A Dialogicidade na Educação de Paulo Freire e na Prática do Ensino de Filosofia com Crianças, Movimento. **Revista de Educação**, Niterói, ano 4, n. 7, p. 228-253, jul./dez. 2017.

ROSENTHAL, Dália. O Ateliê Nossa Casa e a prática transdisciplinar para o ensino da Arte: relato de experiências. *In*: CONGRESSO NACIONAL DOS ARTE/EDUCADORES DO BRASIL - CON-FAEB: ARTE/EDUCAÇÃO: CORPOS EM TRÂNSITO, 22., 2012, São Paulo. **Anais...** São Paulo: UNESP, 2012.

ROSENTHAL, Dália. **Sobre o Ateliê**. Disponível em: <http://ateliennossacasa.blogspot.com/p/o-projeto-nossa-casa.html>. Acesso em: 07 mar. 2025.

ROSENTHAL, Dália. Substancialidade e prática transdisciplinar para formação de professores: diálogos contemporâneos. *In*: Congresso Nacional dos Pesquisadores em Arte, 21., 2012, Rio de Janeiro. **Comunicação...** Rio de Janeiro: Associação Nacional dos Pesquisado- res em Artes Plásticas, ANPAP, 2012.

ROSENTHAL, Dália.; RIZZI, Maria. **Ateliê de Artes para Crianças e a formação do arte/educador, na Licenciatura em Artes Visuais, da ECA/USP** - Educomunicação e suas áreas de intervenção: Novos paradigmas para o diálogo intercultural. São Paulo: ABPEducom, 2017. p. 867-875